



# Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e as telas: o que dizem os estudos?



Melissa Cynthia Parker  
Orientador: Prof. Dr. Rafael Prearo Lima

## RESUMO

O uso excessivo de telas por parte de crianças, em contraste com as recomendações de organizações de saúde, como as da Sociedade Brasileira de Pediatria e da Associação de Pediatras dos EUA, além da própria Organização Mundial da Saúde, é uma crescente preocupação no cenário brasileiro, visto que tal exposição traz impactos para o neurodesenvolvimento infantil. Com isso em vista, este trabalho tem como objetivo analisar os impactos do uso de telas na primeira infância (até os seis anos) por crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Para isso, fizemos uma revisão sistemática de dezenove artigos científicos, extraídos de diferentes bases de dados, para analisar tais relações em potencial. Os resultados indicam duas conclusões. A primeira é de que, apesar de apresentarem divergências em alguns estudos, a exposição precoce a telas não é o fator direto causador do TEA. A segunda é a de que o uso de telas por crianças com TEA na primeira infância resulta em um menor desenvolvimento cognitivo e de linguagem nos anos pré-escolares. Assim, os estudos sugerem que se deve restringir o tempo de uso de tecnologias nos primeiros anos de vida a fim de garantir um crescimento saudável.

## INTRODUÇÃO

O Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais, o DSM-5 (American, 2014), apresenta critérios para diagnosticar diferentes transtornos relacionados à saúde mental. Entre os diferentes transtornos dessa categoria está o Transtorno do Espectro Autista (doravante, TEA), caracterizado por padrões atípicos de comunicação, de interação social e de comportamento. O termo TEA engloba uma variedade de sintomas e de níveis de gravidade, refletindo a complexidade da condição.

Este projeto de pesquisa se justifica pelo crescente interesse nos estudos sobre a interação entre crianças com TEA e o uso de dispositivos eletrônicos, como smartphones, tablets e computadores. Nossa hipótese é a de que a exposição a telas pode, em alguma medida, influenciar o desenvolvimento cognitivo e social dessas crianças, levantando a questão de como essa exposição pode afetar tais indivíduos.

## OBJETIVOS

O objetivo geral é fazer uma revisão sistemática de literatura existente a fim de entender qual é o impacto (ou quais são os impactos) do uso de telas na primeira infância por crianças com TEA.

Os objetivos específicos são: (i) selecionar vinte artigos que abordem especificamente a relação entre TEA e o uso de telas; (ii) analisar as metodologias empregadas nos artigos selecionados, destacando pontos fortes e limitações; (iii) identificar padrões de resultados nos estudos, a fim de buscar concordâncias ou divergências nas conclusões apresentadas pelos pesquisadores.

## METODOLOGIA

Pesquisamos informações sobre TEA e consultamos manuais médicos da Sociedade Brasileira de Pediatria, Ministério da Saúde e OMS para entender as orientações sobre o uso de telas em crianças. A partir disso, montamos um *corpus* de pesquisa com 19 artigos em inglês, obtidos em bases como Google Acadêmico, Scopus, Scielo e Portal Capes, que abordam a relação entre TEA e o uso de telas. Selecionamos os artigos mais relevantes com base em citações, tamanho da amostra, estudos longitudinais e diversidade geográfica. O objetivo é entender o impacto do uso de telas na primeira infância por crianças com TEA.

Organizamos os artigos em uma tabela com dados como número de participantes, idade, local de estudo, resultados e recomendações. A análise foi feita para identificar padrões e divergências, respondendo às perguntas: 'Qual é o impacto do uso de telas na primeira infância por crianças com TEA?' e 'Crianças com TEA deveriam usar telas?'.

## DISCUSSÃO E RESULTADOS

A análise concluiu que a exposição precoce a telas não causa diretamente o Transtorno do Espectro Autista (TEA), mas pode agravar a predisposição genética em indivíduos suscetíveis. A maioria dos efeitos da utilização de telas em crianças com TEA é negativa, resultando em menor desenvolvimento cognitivo, de linguagem e habilidades motoras.

Recomenda-se que crianças, especialmente abaixo de dois anos, evitem períodos prolongados com dispositivos eletrônicos, pois isso pode prejudicar o desenvolvimento cerebral. Os sintomas do TEA tendem a se agravar com o aumento do tempo de tela. A orientação é restringir o uso de tecnologias e priorizar atividades mais enriquecedoras nos primeiros anos de vida para garantir um crescimento saudável.

## CONCLUSÃO

A partir dos resultados, o que os estudos recomendam é que as crianças não devem ser expostas por períodos prolongados a esses tipos de tecnologias, especialmente abaixo dos dois anos de idade, uma vez que esses dispositivos exercem efeitos negativos sobre os cérebros em desenvolvimento. Além disso, os sintomas do TEA tendem a se agravar à medida que o tempo de tela aumenta. Essa mesma recomendação foi direcionada a crianças neurotípicas, que também enfrentam prejuízos em seu desenvolvimento quando mais expostas a telas, especialmente na primeira infância. Assim, os estudos sugerem que se deve restringir o tempo de uso de tecnologias nos primeiros anos de vida, priorizando atividades mais enriquecedoras e participativas no cotidiano, a fim de garantir um crescimento saudável para esses futuros jovens.

## REFERÊNCIAS

- AMERICAN Psychiatric Association. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ASPERGER, Hans. "Autistic Psychopathy" in childhood. *In: Autism and Asperger Syndrome*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991, p. 37-92. Acesso em: 20 dez. 2023.
- BARON-COHEN, Simon. Predicting autism spectrum quotient (AQ) from the systemizing quotient-revised (SQ-R) and empathy quotient (EQ). **Brain research**, v. 1079, n. 1, p. 47-56, 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Primeira Infância. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-da-crianca/primeirainfancia>. Acesso em: 20 dez. 2023.
- HILL, David et al. Media and young minds. **Pediatrics**, v. 138, n. 5, 2016. 2023.
- KANNER, Leo et al. Autistic disturbances of affective contact. **Nervous child**, v. 2, n. 3, p. 217-250, 1943.
- NOBRE, Juliana Nogueira Pontes et al. Fatores determinantes no tempo de tela de crianças na primeira infância. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 1127-1136, 2021.
- ROCHA, Hermano Alexandre Lima et al. Screen time and early childhood development in Ceará, Brazil: a population-based study. **BMC public health**, v. 21, p. 1-8, 2021.
- SCHAAN, Camila W. et al. Prevalence of excessive screen time and TV viewing among Brazilian adolescents: a systematic review and meta-analysis. **Jornal de Pediatria**, v. 95, p. 155-165, 2019.
- SOCIEDADE Brasileira de Pediatria. #Menos telas #Mais saúde: manual de orientação. Dez. 2019. Disponível em: [https://www.sbp.com.br/fileadmin/user\\_upload/\\_22246c-ManOrient\\_-\\_MenosTelas\\_\\_MaisSaude.pdf](https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/_22246c-ManOrient_-_MenosTelas__MaisSaude.pdf). Acesso em: 20 dez. 2023.

## AGRADECIMENTOS

Ao CNPQ, pela concessão da bolsa de pesquisa, o que viabilizou o desenvolvimento deste projeto.